

António Botto e a crítica literária: tensão, exclusão e revalorização da escrita homoerótica em Portugal

Oscar José de Paula Neto*

<https://orcid.org/0000-0002-1185-8745>

Resumo: O artigo apresenta as relações da crítica literária com o poeta António Botto (1898-1959), um dos mais debatidos poetas modernistas portugueses das décadas de 1920 e 1930. Todavia, com os anos, sua poesia foi sendo excluída continuamente do cânone literário em formação, sobretudo por causa da temática homoerótica e das diversas tensões e questionamentos que rondavam a validade de sua escrita poética. Assim, empreendemos um breve panorama sobre as principais leituras críticas da poesia bottiana do passado e do presente, quando Botto passa por alguns processos de reavaliação crítica, principalmente de sua primazia em retratar o homoerotismo na literatura portuguesa.

Palavras-chave: António Botto. poesia portuguesa. crítica literária. cânone.

António Botto and literary criticism: tension, exclusion and revalorization of homoerotic writing in Portugal

Abstract: The article presents the relations of literary criticism with the poet António Botto (1898-1959), one of the most debated Portuguese modernist poets of the 1920s and 1930s. However, over the years, his poetry was continuously excluded from the emerging literary canon, mainly because of the homoerotic theme and the various tensions and questionings that surrounded the validity of his poetic writing. Thus, we undertake a brief overview of the main critical readings of Botto's poetry from the past and the present, when Botto goes through some processes of critical reassessment, especially of his primacy in portraying homoeroticism in Portuguese literature.

Keywords: António Botto. portuguese poetry. literary criticism. canon.

António Botto y la crítica literaria: tensión, exclusión y revalorización de la escritura homoerótica en Portugal

Resumen: El artículo presenta las relaciones de la crítica literaria con el poeta António Botto (1898-1959), uno de los poetas modernistas portugueses más debatidos de las décadas de 1920 y 1930. Sin embargo, a lo largo de los años, su poesía fue continuamente excluida del canon literario en formación, principalmente debido a la temática homoerótica y a las diversas tensiones y cuestionamientos que rodearon la validez de su escritura poética. Así, realizamos un breve repaso de las principales lecturas críticas de la poesía de Botto del pasado y del presente,

* Universidade Federal Fluminense. Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura pela Universidade Federal Fluminense (UFF), bolsista FAPERJ. E-mail: oscarjpneto@gmail.com.



Este artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a publicação original seja corretamente citada.
https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR.

quando Botto passa por algunos procesos de revalorización crítica, especialmente de su primacía en el retrato del homoerotismo en la literatura portuguesa.

Palabras clave: António Botto. poesia portuguesa. crítica literaria. canon.

António Botto e a crítica literária de seu tempo

António Botto foi um dos escritores de maior destaque nas décadas de 1920 e 1930 em Portugal. Apesar disso, com o decorrer dos anos, sua trajetória passou a ser reduzida a uma “nota de rodapé” na história da literatura portuguesa, na qual aparece associada geralmente à figura do poeta Fernando Pessoa, um dos maiores incentivadores e defensores de sua obra frente às polêmicas que suscitou no campo literário e intelectual do país. *Canções*¹, o principal livro de poemas de Botto foi publicado em 1921, e sua segunda edição, aumentada e contando com estratégias maiores de divulgação, do ano seguinte, causou uma verdadeira celeuma no meio cultural nos anos subsequentes. Num país bastante conservador como Portugal, o poeta publica um conjunto de poemas de forte conteúdo homoerótico, exposto sem véus e sem julgamentos morais, na qual representava de forma clara as paixões e os desejos entre homens. Anna Klobucka afirma que a novidade do tema trazido por Botto não se limitou apenas ao âmbito da literatura portuguesa, mas sim à mundial, já que, até aquele momento, nem mesmo nos principais centros culturais e artísticos europeus algo tão radical havia sido publicado para a apreciação de um vasto público leitor, dada a grande circulação da obra, sendo amplamente comentado e discutido, nos meios jornalísticos e culturais (Klobucka, 2018).

Entretanto, é possível afirmar que desde cedo, como bem aponta o artigo do crítico português João Gaspar Simões publicado no *Diário de Pernambuco*, em 1941, a obra de António Botto sofreu com evidentes sinais de desgaste, explicados por causa de sua personalidade errática e incômoda, geradora de mais atenção e de mais comentários do que a sua produção literária:

¹ *Canções* é a reunião de um conjunto de quinze livros publicados entre 1921 e 1941, sofrendo as eventuais modificações à medida que o autor ia acrescentando as produções poéticas produzidas neste período.

Poucos poetas portugueses terão sido tão estudados e discutidos em vida como António Botto. Alguns dos mais novos críticos portugueses lhe consagraram os seus primeiros estudos. Por quê? Que razões haverá para que assim seja? [...] Para que um poeta seja discutido um só motivo basta muitas vezes: ser agressivamente original. É António Botto um poeta agressivamente original? Ergueram-se já contra ele os conformistas académicos? Não. Não é lícito considerar-se o poeta das “Canções” agressivamente original, mais lícito é, talvez, dizer-se que a sua poesia tem revestido, por vezes, aspectos originais, por se apresentar agressiva de certas normas e costumes. [...] Sim: a personalidade de António Botto tem sido mais discutida do que a sua obra. Poesia francamente confessional, era natural vir a sofrer as consequências desse seu confessionalismo. A poesia de Botto põe-nos diante de um dos mais delicados problemas do amor. (Simões, 1941, p. 1).

Desse modo, cabe destacar que o interesse maior pela questão homoerótica na poesia de Botto é um dos principais elementos da análise atual de sua obra, pois desde o início este foi o motivo de seu destaque nos círculos literários portugueses. Ainda que o escritor padecesse, tanto em vida quanto em morte, com o frequente questionamento da qualidade de seus textos, e amargasse com a posição periférica de “poeta menor” no cânone literário português, sua obra foi largamente comentada e defendida por alguns dos mais significativos nomes da intelectualidade portuguesa no momento de maior despontamento de sua carreira literária, revelando que possivelmente passaria despercebida se não fosse a salvaguarda de intelectuais de renome como Fernando Pessoa, José Régio e João Gaspar Simões, importantes críticos literários e agentes culturais daquele momento.

A defesa por parte destes críticos pode ser explicada por eles serem incentivadores dos ideais modernistas em Portugal, afeitos aos modelos das escolas vanguardistas que despontavam na Europa no século XIX, desde os pioneiros envolvidos na experiência de *Orpheu*², até os continuadores deste afã modernista expresso em *presença*³. Tais defesas se davam pelo motivo de uma parcela dos intelectuais modernistas verem na estetização

² *Orpheu* – *Revista Trimestral de Literatura* foi uma das mais importantes publicações portuguesas do século XX, apesar de contar com apenas dois volumes editados em 1915, finalizada precocemente por causa da falta de financiamento. Nela, intelectuais, críticos e escritores como Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro e Almeida Negreiros propiciaram os elementos fundantes do modernismo português, através do seu vanguardismo, reverberando em movimentos literários subsequentes.

³ *presença* – *Folha de Arte e Crítica*, um dos periódicos de maior destaque de Portugal durante a primeira metade do século XX, foi publicada de 1927 a 1940 e contou com 54 volumes ao total. Dando continuidade, pelo menos teoricamente, com o vanguardismo dos escritores envolvidos em *Orpheu*, muitos dos quais ainda colaboraram na nova publicação, a revista foi importante na difusão de uma segunda fase do modernismo português.

da homossexualidade uma maneira de transformar os alicerces da cultura portuguesa, marcadamente conservadora e atrasada em relação aos países vizinhos. Assim, diversos elementos de transgressão sociais e culturais foram positivados e tornaram-se atributos para os empreendimentos da vanguarda literária e artística, os quais levavam o homoerotismo e o elogio da beleza masculina a serem exaltados enquanto propiciadores de uma redefinição dos estancos papéis sociais até ali vigentes (Lugarinho, 2003).

É nessa questão que a poesia de Botto, apesar de sua alegada qualidade questionável, se torna um dos elementos centrais da propagação dos ideais modernistas por corresponder aos projetos estéticos de figuras de destaque como Fernando Pessoa e José Régio, responsáveis por dar uma profundidade intelectual destoantes, muitas vezes, das intenções originais do poeta. Como bem aponta o pesquisador Emerson da Cruz Inácio, um dos pontos defendidos por Régio era o fato de que a crítica em Arte tinha a missão de auxiliar um artista a descobrir-se, para assim também se posicionar contra ela própria, destacando aspectos que aquele não percebia em sua própria trajetória e atuação (Inácio, 2013). Foi assim, portanto, através desse esforço, que a crítica modernista portuguesa e sua atenção inicial à poesia bottiana teve forte influência na forma como o poeta iria construir sua *persona* de autor literário e ator cultural nos anos que se seguiram.

A homossexualidade na poesia bottiana é essencialmente sugestiva, pois ainda que as experiências vividas não sejam as do poeta propriamente, biograficamente, elas sugerem que são experiências vividas na forma como são encenadas na sua ficção poética (Blackmore, 2010). Ou seja, o poeta se vale de uma dramaticidade homoerótica, um eu lírico homossexual que assume características confessionais, no qual facilmente se misturam o biográfico ao poético, bem aos moldes dos projetos artísticos defendidos por intelectuais presencistas, que exaltavam os elementos de uma “literatura viva”, onde eram conjugadas as esferas da arte produzida com a vida propriamente do escritor. Para tais críticos, Botto correspondia, no campo literário português, aos escritores que também dramatizavam a homossexualidade, como Oscar Wilde e André Gide, realizadores de uma atuação literária em consonância com a própria trajetória pública, demonstrando o ponto fulcral que as vivências homoeróticas assumiam na proposição estética modernista daquele período (Inácio, 2013). Um dos poemas de *Canções* que

exemplarmente traduz os referidos aspectos da poesia de Botto expressas acima é a canção adicionada ao volume a partir da edição de 1930:

Não. Beijemo-nos, apenas,
Nesta agonia da tarde.

Guarda –
Para um momento melhor
Teu viril corpo trigueiro.

O meu desejo não arde;
E a convivência contigo
Modificou-me – sou outro...

A névoa da noite cai.

Já mal distingo a cor fulva
Dos teus cabelos. – És lindo!

A morte,
devia ser
Uma vaga fantasia!

Dá-me o teu braço: – não ponhas
Esse desmaio na voz.

Sim, beijemo-nos apenas!,
– Que mais precisamos nós? (Botto, 2018, p. 22).

Enquanto, para alguns escritores canônicos, a questão homossexual ainda permanece um assunto delicado de ser destacado a fim de evitar possíveis alterações com a honra do artista, no caso de Botto, o teor homoerótico de parte considerável de seu projeto literário foi um dos principais pontos ressaltados, tanto pelos primeiros apoiadores, quanto pela crítica atual preocupada em resgatar autores da exclusão imposta pelos limites conservadores do cânone literário. Mário César Lugarinho afirma que, quando este assunto é destacado na vida de alguns autores, geralmente tem-se o cuidado em não se comprometer com um sentido extraliterário ou estritamente biográfico, tidos como de pouco pertinência para a análise literária (Lugarinho, 2003). Botto, por outro lado, desde o início teve sua ambígua sexualidade enfatizada, tendo sua vida fortemente atrelada aos desenlaces ficcionais narrados em sua obra, e amargou com as consequências disso. Porém, em contrapartida, o poeta também soube aproveitar das oportunidades que a visibilidade polêmica lhe forneceu através de uma performance excêntrica no intuito de chocar a sociedade portuguesa, na medida em que foi muito

comentada na mídia.

Assim, mediante uma atitude bastante ousada para sua época, a figura de António Botto ainda permanece um caso a resolver no seio do cânone da literatura portuguesa, principalmente no que tange a algumas das possibilidades de leitura de sua obra e de sua importância literária, cultural e social, notadamente quando levamos em consideração as querelas em que esteve envolvido, como as discussões em torno da “Literatura de Sodoma”⁴. Botto, além de se destacar junto aos principais nomes do modernismo, também chamou a atenção da ala conservadora da intelectualidade portuguesa, posto que explicitou no foro público que havia uma efervescente cultura homossexual sequiosa a tomar o primeiro plano na sociedade, dando continuidade a um movimento que começara a despontar no século anterior. A normalização do homoerotismo nesta poesia que rapidamente ganhou espaço de destaque nas livrarias e nas páginas dos periódicos que tornou o poeta popular, foi o que incomodou os conservadores, afinal desnudava o que deveria se manter silenciado, como era recorrente às experiências heterodissidentes daquela época. Tais reações corroboraram o fato de que era perceptível a existência de uma certa licenciosidade ascendente na sociedade portuguesa, pronta a sair do armário e transformar definitivamente o país, que até certo ponto era tolerante com tais práticas desviantes desde que não fossem manifestas e nem buscassem ferir as fissuras da rígida estrutura social (Lugarinho, 2003).

Para António Fernando Cascais (2021), os defensores de Botto fizeram passar por literário um debate que era iminentemente extraliterário, principalmente Fernando Pessoa, com o auxílio de seus heterônimos, interessado em promover o poeta por conta da publicação de *Canções* por sua editora, diferente de seus opositores, que levaram a controvérsia para a opinião pública, acentuando o caráter transgressor das obras acusadas de imoralidade e dissolução dos costumes sociais (2021). Se não foi a intenção do autor, na época apenas um jovem de origem popular e sem o capital cultural de outros

⁴ Em 1923, membros da Liga de Acção dos Estudantes de Lisboa, de fundo católico, reagiram à disseminação do que foi nomeado de “literatura de Sodoma”, ou seja, textos que transgrediam a moral e os bons costumes da época. Ainda um tanto desconhecida do grande público, a obra de Botto foi a motivação que desencadeou o episódio. Como resultado das discussões levadas a cabo por Fernando Pessoa e Raul Leal, tem-se notícias de perseguição e censura aos livreiros e livrarias que vendiam as obras de Botto e Leal. Oficialmente, o Governo Civil de Lisboa chegou a censurar os livros dos referidos escritores, numa ação que não era praticada desde meados do século XIX (Lugarinho, 2003).

membros do campo literário português, causar uma revolução na maneira de representar o amor e o desejo sexual, sua obra teve impacto relevante naquele país em vias de modernização, ao apresentar o modo de vida homossexual para além do desvio, da doença e da anormalidade.

No oitavo poema da série “A vida que te dei” (1938), o sujeito poético, em deambulação pelos reconhecíveis espaços de homossociabilidade masculina da cidade, como o cais e as docas, relata a experiência do *cruising* masculino em busca do engate sexual nos ambientes soturnos e marginais de Lisboa, permitindo, ainda que secretamente, as práticas desviantes da moral, condenadas pela sociedade:

Noite de estrelas.

Ao longo do cais
Um vulto viril de marinheiro
Tange à guitarra uma saudade quente;
E a doca,
Cheia de barcos, mastros, e rumores,
Atrai o meu mais íntimo sentir
Preso à maré altíssima e soturna
De proibidos amores.

[...] Límpido, claro, mais alto, anda o silêncio do luar.
Embebedo-me na luz.

Um rapaz afadistado,
Sujo, descalço, vigoroso,
– Uns vinte anos, se os tivesse!
Procura no meu olhar
Talvez o instinto do pecado
E pára um pouco ao pé de mim:
Desbravado em lupanares
Que a sensualidade improvisa
Num portal ou no recanto
De uma luz solitária,
Fulge e amortece molhado
No mistério dos seus olhos
De um negro azul concentrado.

Põe-se a fazer um cigarro,
Pede-me um lume; e então, vejo,
No seu todo o indício fundo
De andar vendido e dominado
Ao contacto vilíssimo de um beijo...

– “Não quer vir dar um passeio?”
E a sua voz abafada
Numa intenção descoberto,
Levou-me com ele... (Botto, 2018, p. 208).

Se Botto esvaziou o julgamento moralizante do âmbito de seu projeto poético, infelizmente vai ser ele mesmo quem vai sofrer as consequências dos atos narrados em sua poesia, pois tais ousadias não passaram incólumes pelo moralismo dos setores mais conservadores de seu país. Os dissabores causados por Botto e a forma controversa como se lançou no mercado literário português, além do suporte intelectual que recebeu, apesar de também propiciarem frutos positivos como a aura de celebridade que criou para si, vão ter reverberações problemáticas de longa data que afetarão continuamente, direta e indiretamente, sua trajetória pessoal e literária, mesmo após a sua morte. Até bem pouco tempo, o poeta encontrou certa resistência crítica e acadêmica, sendo regularmente apresentado por meio de parênteses, reticências e atitudes condescendentes que julgavam e classificavam a pertinência do valor estético de sua poesia, cabendo somente o destaque por causa do seu pioneirismo em representar o homoerotismo, mas pouco atenta (ou interessada) às suas inovações e contribuições estéticas e temáticas para a literatura portuguesa.

À vista disso, é importante ressaltar que Botto parece não ter sido lido pelos seus contemporâneos unicamente como o escritor de uma obra de conteúdo homoerótico, já que ela apresentava também outras possibilidades de fruição estética, dada a sua variedade de temas e gêneros, permeada de diferentes camadas e nuances. Por isso, não é à toa o sucesso de *Canções* durante a primeira metade do século XX, mostrando que, apesar do caráter problemático de parte do conjunto de poemas, este também contava com outros elementos que correspondiam ao gosto de um público leitor bastante heterogêneo, e até mesmo conservador. Tal sucesso pode ser explicado pelo caráter envolvente e de fácil leitura, através de uma escrita clara e direta, que dialogava com a tradição e temas populares, notório no estilo e nas abordagens temáticas das canções populares e das formas mais tradicionais da poesia, como o soneto e as quadras, além de dialogar com o universo do fado.

Por outro lado, num diálogo com a tradição literária, somava-se a atitude moderna e subversiva de Botto na maneira como representou o desejo homoerótico, como se ele estivesse num contexto sociocultural onde não existissem barreiras condenatórias para tais atitudes, demonstrando uma naturalização do tema como não

havia sido realizada até então, retirando-o da marginalidade silenciosa à qual sempre esteve vinculado. No meio literário português, Botto foi o primeiro a falar aberta e francamente, sem desculpas ou intencionalidade moralista, sobre o homoerotismo, de modo que sua desinibição, pareça extremamente contemporânea, numa atitude que só foi amplamente realizada nas últimas décadas do século XX, depois de anos de luta e busca por afirmação, tolerância e respeito por parte dos movimentos por busca de afirmação da comunidade LGBTQI+. Um poema significativo de tal atitude desinibida por parte do sujeito poético bottiano é a canção presente desde a primeira edição de *Canções*, onde afirma a quebra da moralidade estanque das convenções sociais:

Anda vem... porque te negas,
Carne morena, toda perfume?
Porque te calas,
Porque esmoreces,
Boca vermelha – rosa de lume?

Se a luz do dia
Te cobre de pejo,
Esperemos a noite presos num beijo.

Dá-me o infinito gozo
De contigo adormecer
Devagarinho, sentindo
O aroma e o calor
Da tua carne, – meu amor!

E ouve, mancebo alado:
Não entristeças, não penses,
– Sê contente!
Porque nem todo o prazer
Tem pecado...

Anda, vem!... Dá-me o teu corpo
Em troca dos meus desejos...

Tenho saudades da vida!
Tenho sede dos teus beijos! (Botto, 2010, p. 53-54).

Por isso, repensar o lugar de Botto no cânone literário se faz uma atitude ainda necessária, por meio de um procedimento crítico que busque também dar relevo aos outros elementos frequentemente deixados à parte de sua prolífica produção literária, permeada de substanciais momentos de criatividade e inovação, bem como de outros de menor fôlego, também merecedores de atenção, para se ter uma dimensão mais

completa da obra de um escritor que infelizmente foi ignorado por muito tempo. Ao avaliar a produção tardia do poeta, percebemos transformações substanciais no estilo e na temática de sua poesia, principalmente a partir de final da década de 1940, quando há um apagamento consciente do homoerotismo de seus escritos. Nos anos cinquenta, o poeta mostra-se cada vez mais religioso e nacionalista, exercendo uma prática poética exacerbadamente católica e um conservadorismo político, marcado principalmente pela posição anticomunista e por flertes com o salazarismo. Apesar de revelar momentos incômodos na trajetória do poeta, levar em consideração tais lados do projeto poético bottiano é importante para reavaliar como sua atuação literária foi mais complexa e mais diversa do que geralmente se conhece à primeira vista. Dado o instante que o poeta passou a causar menos interesse da crítica e dos leitores, principalmente pelas escolhas arbitrárias da sua produção ulterior, toda uma parte de seus textos ficou relegada ao esquecimento.

Assim, a seguir, iremos nos deter num panorama dos principais apontamentos de críticos literários e estudiosos sobre a obra de António Botto, que, por pouco, não ficou confinada no limbo da história da literatura portuguesa, lugar que uma parcela da intelectualidade, responsável pela manutenção do cânone, no constante processo de inclusão e exclusão de autores relevantes, insistiu em manter sua poesia. Embora o poeta tenha se tornado um escritor ultrapassado na segunda metade do século XX, as escassas menções críticas a ele revelam que o autor marcou de alguma forma o modernismo literário português, afinal suas contribuições, ainda que diminutas em comparação a outros agentes ocupantes dos papéis centrais na definição do movimento, foram marcantes para a redefinição da poesia em Portugal.

António Botto e o crítica literária contemporânea

Em 2019, completou-se 60 anos da morte de António Botto, vítima de atropelamento por um automóvel do exército brasileiro em Copacabana em março de 1959, depois dos quase doze anos vivendo no Brasil. O período do exílio brasileiro

representou ao poeta o momento derradeiro de sua carreira literária, que viu na travessia transatlântica a possibilidade de recuperar seu prestígio, bastante desgastado em Portugal na década de 1940. Sendo assim, a efeméride foi celebrada com a realização de colóquios e simpósios, tanto em Portugal quanto no Brasil, que contaram com a presença de estudiosos de sua obra e da literatura homoerótica, além de outras ações, como a publicação de perfis do escritor e reportagens diversas sobre os impactos de sua poesia e sobre as dificuldades de ser um autor homossexual na primeira metade do século XX em periódicos de grande circulação portugueses, além da exibição de um documentário pela emissora RTP⁵. Num feito ainda mais notório, no ano anterior, foi reeditada a totalidade de sua poesia pela editora Assírio & Alvim, organizada pelo crítico e pesquisador Eduardo Pitta, trazendo novamente para o acesso dos leitores extemporâneos alguns dos livros do autor que há muito estavam fora de catálogo, principalmente aqueles publicados durante a fase tardia de sua trajetória literária, tal como *Fátima – Poema do Mundo* (1955) e o póstumo *Ainda não se escreveu* (1959), tidos como exemplos da perda de criatividade do poeta, mitigado pela miséria e pela doença, e que são praticamente ignorados pelos críticos do passado e da atualidade.

Desse modo, podemos afirmar que António Botto revive um de seus melhores momentos na crítica literária e nos estudos acadêmicos, responsáveis por redescobrir certas potencialidades ainda não totalmente elucidadas de sua obra, as quais suscitaram a publicação de novos estudos e outras leituras possíveis de sua poesia e da sua trajetória literária. Esta reviravolta crítica pode ser explicada a partir das várias transformações sociais e das novas demandas políticas e culturais que marcam as sociedades contemporâneas e reverberantes nos estudos literários, ocasionando na reavaliação dos limites vigentes do cânone literário, reexaminados continuamente. Tal ação levou à redescoberta e reavaliação analítica de diversos escritores e escritoras que sofreram com as restrições e preconceitos de seus contextos históricos. Neste ínterim, Botto passou a suscitar novos interesses, principalmente quando se reflete em como sua obra foi afetada pela homofobia vigente de considerável parcela da crítica portuguesa, que, após o furor do sucesso nas décadas de 1920 e 1930, levou um dos projetos poéticos mais ousados da

⁵ *À procura de António Botto*, dirigido por Cristina Ferreira Gomes.

literatura portuguesa da primeira metade do século XX ao ostracismo nos anos subsequentes ao falecimento do escritor.

Como bem frisa Eduardo Pitta, muitas das reticências críticas que circundaram a recepção da obra de Botto até bem pouco tempo foram sobretudo de ordem moral (Pitta, 2018), as quais revelam julgamentos mais atrelados aos preconceitos dos críticos do que a avaliação mediada por critérios analíticos isentos de conservadorismos e juízos moralizantes. Óscar Lopes, um dos críticos mais destacados da literatura portuguesa, na década de 1980, ao avaliar *Canções* e sua contribuição para o modernismo português, afirma que o livro “[...] falha miseravelmente, até por simples falta de inteligência e cultura do autor” em retomar elementos da tradição antiga da representação do desejo entre homens que Fernando Pessoa e outros críticos coetâneos tentaram impingir à poética bottiana. O crítico ainda assevera que o poeta não passa do “[...] mito de um talento que não resiste à leitura atenta”, o qual “[...] o amoralismo não se liberta de laivos de uma baixeza conscientemente assumida”, onde “o mau gosto é por vezes atroz” (Lopes, 1987, p. 594-595). Cabe destacar que, para além da suposta vulgaridade do erotismo indecoroso expresso pelo poeta, suas origens sociais populares e seu capital cultural deficiente são recorrentemente utilizados para diminuir o seu talento, como também foi sintetizado na assertiva do poeta Eugénio de Andrade na década de 1990, publicado no dossiê de comemoração do centenário do escritor, na qual afirma que “[...] é sabido que António Botto era muito inculto” e que “[...] em Lisboa circulavam várias anedotas alusivas à sua ignorância” (Andrade, 1997 *apud* Pitta, 2010, p. 187).

Todavia, o talento e importância de Botto também foram reconhecidos por importantes escritores, críticos e pesquisadores portugueses, como Jorge de Sena, Natália Correia, Joaquim Manoel Magalhães, David Mourão-Ferreira, dentre outros. Se, por um lado, houve um certo silenciamento sobre a obra bottiana, por outro, surgiram esporadicamente distensões críticas que buscavam reavaliar as contribuições de Botto para as letras portuguesas. Já em 1965, poucos anos depois da morte do escritor, Natália Correia, na *Antologia de poesia portuguesa erótica e satírica*, destaca que ele foi o maior poeta de influência de seu tempo, influência esta decerto “mais epidérmica do que profunda”, justificada pelo marasmo de uma época em que os escritores de *Orpheu* ainda não haviam colhido os frutos de suas inovações estéticas. Correia aponta que a

originalidade de Botto, referindo-se a ele como “o grande poeta maldito”, residia no desassombro com que ele procurava redimir “[...] o lado negro do erotismo”, deslocando a homossexualidade da maldição que até aquele momento aprisionava-a exclusivamente “[...] à grilhetas da sátira ou da musa obscena” (Correia, 2008, p. 383-384). Dessa forma, a autora ressalta o pioneirismo de Botto ao representar o desejo homoerótico para além dos seus sentidos patológicos e indecorosos, como era recorrente até então. A organizadora da antologia selecionou para ilustrar a obra do poeta alguns poemas dos respeitados *Adolescente* e *Olímpiada*, títulos coligidos em *Canções*, e dois poemas pornográficos, textos que não foram publicados por Botto durante a vida, apreciados apenas em círculos literários restritos. Um deles é o poema “Nunca te foram ao cu”, texto de forte teor pornográfico, onde o sujeito poético por efebos, elemento muito recorrente nos versos homoeróticos do autor, tanto nas obras editadas quanto nos que ficaram resguardadas às suas anotações pessoais:

Nunca te foram ao cu,
nem nas perninhas, aposto!
Mas um homem como tu,
lavadinho, todo nu, gosto!

Sem ter pentelho nenhum,
com certeza, não desgosto,
até gosto!
Mas... gosto mais de fedelhos.
Vou-lhes ao cu
dou-lhes conselhos,
enfim... gosto! (Correia, 2008, p. 385).

Por sua vez, o poeta, professor e crítico Jorge de Sena, no verbete dedicado a Botto em *Estudos de Literatura Portuguesa III*, originalmente publicado na década de 1970, salienta que o escritor foi “um caso especialíssimo” na literatura do país, reconhecendo-o como um poeta moderno, “[...] um mestre de novas dicções poéticas” (1988, p. 189). Para Sena, apesar de certas superficialidades, abundantes na maioria dos escritores até os anos 1930, mesmo dentre aqueles que passaram a ser respeitados como canônicos, o poeta conseguiu dar uma nova tônica ao “versi-librismo post-simbolista” (1988, p. 189), assim como fez da recorrência do coloquialismo segredado nos versos um de seus pontos fortes, que revelava uma simplicidade estilística que “[...] transcendia por completo a tradição esteticista” (1988, p. 189) que dominava a poesia da época. Assim, de acordo

com o crítico, Botto se destaca em relação aos ainda desconhecidos poetas de *Orpheu*, ao menos fora dos estritos círculos literários modernistas, como Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro e Almada Negreiros, pela receptividade com que sua poesia foi bem recebida pelos leitores, fato que pode ser explicado pelo equilíbrio de tal simplicidade, muitas vezes aparentes em seus versos, com um populismo então em moda, que atraía a atenção de leitores mais tradicionalistas (Sena, 1988).

Para Sena, num outro texto crítico de meados dos anos cinquenta, Botto fora responsável por uma “discreta revolução formal”, simbolizada pela hábil introdução de um valor rítmico e emotivo das pausas e das elisões sentimentais durante as décadas que marcaram a consolidação do modernismo português, exprimindo uma obra lírica de profunda projeção formal na evolução da poesia portuguesa (Sena, 1955). Porém, na análise ulterior, o autor afirma que o moralismo marcante de parcela considerável da crítica negativa que Botto recebeu do campo literário português, desaprovava de maneira conservadora e pouco avaliativa as contribuições relevantes apresentadas pelo poeta na mais bem valorizada fase do autor, os primeiros livros da década de 1920. Sena também critica o reducionismo de alguns comentários sobre a poesia de Botto, do qual levantavam questões somente ligadas ao homoerotismo, que muitas das vezes expunha o horror à homossexualidade, considerada com base num desvio de caráter e de anormalidade:

[...] aquele modernismo que A. B. representou foi, nos anos 20 e 30, como ainda mais tarde, sobretudo nos aspectos formais externos e nos estilísticos, uma das grandes forças da poesia moderna portuguesa, ainda que das menos confessadas ou reconhecidas, e cumpre reconhecer que o poeta, nos seus melhores momentos, é realmente um dos grandes do seu tempo. Considerar que a sua visão de mundo é limitada praticamente às relações eróticas, sendo estas, para mais, “anormais”, e que isso diminui o valor ou interesse da sua poesia, é ou julgá-lo por critérios moralísticos alheios à história e à crítica literária, ou esquecer que muita poesia deste mundo, e da literatura portuguesa também, não vai além de tais limites, sem que para isso deixe de ser estimada como grande património clássico. Sob este aspecto, não é das menores originalidades (e antecipações) da poesia de A. B., o facto de, independentemente do seu “caso”, praticar, num sentido sexual, uma desmistificação do sentimentalismo amoroso e da espiritualização erótica, tão renitentes na tradição poética portuguesa (Sena, 1988, p. 190).

Por seu turno, o crítico e poeta Joaquim Manuel Magalhães, em ensaio da década de 1980, destacou a ambivalência da poesia bottiana, que se vista a partir apenas de seus

quesitos estéticos, principalmente da crítica elogiosa de suas vinculações com o esteticismo clássico tão salientadas no início de sua carreira, se mostra um conjunto de textos bastante precário, mas, se considerando o poder do tema sobressalente em tal obra, se mostra uma poesia digna de atenção. Assim, Magalhães disserta: “[...] se considerarmos António Botto, meramente como ‘esteta’, ele pode surgir como uma figura ridícula e uma escrita medíocre”, mas se visto pelo lado de “[...] tematizador de uma realidade sexual e como organizador de uma difícil linearidade verbal, surge como uma das mais interessantes obras poéticas da primeira metade do século XX português” (Magalhães, 1989, p. 17). Sobre a temática, controversa num país conservador como Portugal, o crítico aponta que a característica de se construir enquanto uma poesia de resistência sexual, onde é afirmado um “[...] desejo homoerótico consciente dos terríveis tabus sociais” (Magalhães, 1989, p. 18), é um dos principais pontos positivos de Botto, apesar de haver nela um certo moralismo, uma certa afetação e “um melodramatismo emocional persistente” (Magalhães, 1989, p. 19) que o poeta herdou da tradição oitocentista.

Magalhães ainda sublinha a existência de uma indisposição acadêmica e crítica perante à obra bottiana, pois ela não seria considerada “aceitável” por parte dos docentes dos cursos de letras portuguesas (1989, p. 18), corroborando o pungente silenciamento que se abate sobre ela. Assim como Sena, o crítico aproxima os pontos negativos da poesia de Botto do fazer poético imperante naquele momento histórico, marcado por certos tiques herdados dos modismos finiseculares, assim como do “mau gosto profundo” que afetava o público de poesia, composta por consumidores que enalteciam uma emotividade exagerada e melodramática, tão presentes em alguns momentos da poética bottiana e em outras coetâneas. Este movimento colocado em prática pelos dois críticos ajuda a dissipar alguns dos ataques realizados contra a poesia de Botto, acusada muitas vezes de pobre e sem qualidades estéticas, pois localiza algumas de suas supostas falhas no estilo da média das produções literárias da época, demonstrando que estes elementos eram pontos comuns a muitas poetas de seu tempo, correspondentes ao gosto do público leitor daqueles anos. Assim, podemos afirmar que tentar compreender a complexidade da recepção do momento de escrita de Botto é fundamental para melhor

entender algumas de suas escolhas estéticas e o impacto de sua poesia no primeiro momento de sua circulação.

De qualquer forma, apesar destes apontamentos, e de outros comentários esparsos sobre Botto, a atitude geral foi de deixá-lo amargar o esquecimento que circundou sua obra até bem pouco tempo. Por exemplo, no momento de publicação de *O Século de Ouro: Antologia Crítica da Poesia Portuguesa* do século XX (2002), organizado por Osvaldo Manuel Silvestre e Pedro Serra, onde foram reunidos os poetas mais notáveis do novecentos, ele ficou de fora. Obviamente, como qualquer antologia ou seleção de autores mais relevantes de qualquer período, uma gama de poetas também não foi selecionada pelos ensaístas e críticos envolvidos no projeto, alguns até mais bem respeitados que Botto, como Natalia Correia, Miguel Torga e Florbela Espanca. De qualquer modo, a ausência do escritor assim como as outras ausências e presenças do livro revelam a relativização dos processos de valorizações e revalorizações imperantes num determinado recorte de tempo e refletem uma parcela da opinião contemporânea, que mostram como o cânone literário está em constante modificação.

Recentemente, em 2020, num novo projeto imbuído de coligir os escritores mais notáveis da literatura portuguesa, desta vez escolhidos entre romancistas e poetas, foi publicado *O Cânone*, organizado por três professores universitários portugueses, António M. Feijó, João R. Figueiredo e Miguel Tamen. Apesar de título tão peremptório, os organizadores avisam aos leitores não se tratar de um “livro representativo”, mas sim uma obra “[...] que representa o que cada um dos seus autores, e desde logo os editores, acharam que devia estar representado” (Feijó *et al*, 2020, p. 9). Além disso, sinalizam que “[...] não vale a pena procurar nele o cânone literatura portuguesa”, pois a reunião de ensaios é apenas “[...] um livro de crítica literária” sem maiores pretensões exaustivas para uma definição classificatória da literatura do país (Feijó *et al*, 2020, p. 9-10). Apesar dos avisos, *O Cânone* causou discussões no campo literário do país mediante a ausência de autores considerados canônicos como Virgílio Ferreira, Sophia de Mello Breyner Andresen, Eugénio de Andrade e José Cardoso Pires.

Dentre os ensaios que se dedicam a listar e refletir a importância de certos nomes da literatura portuguesa, em meio a escolhas mais óbvias que outras, há quatro capítulos que remetem a determinadas características do cânone literário português, e dois se

debruçam acerca de “cânones minoritários”: um deles sobre mulheres escritoras, outro sobre escritores homossexuais, notadamente por autores menores em relação a outros que também recaem a questão da homossexualidade, mas que detêm lugares mais fixos e consagrados no cânone, como são os casos dos poetas Mário Cesariny e Eugénio de Andrade. No cânone homossexual, no ensaio de João R. Figueiredo, António Botto aparece ao lado de outros escritores que também sofreram algum tipo de represália da crítica de suas épocas, como António Nobre e Pedro Homem de Mello, e o cantor e compositor, António Variações.

O ensaísta aponta para um fato crucial e recorrente nos poetas homossexuais portugueses: o uso de tropologias mais ou menos bem-sucedidas para ocultar a homossexualidade de quem fala (Figueiredo, 2020). No entanto, é destacado que Botto não seguiu esta prática e sofreu com as retaliações críticas e sociais que definiram os rumos de sua carreira. Para Figueiredo, apesar da qualidade irregular da poesia bottiana, há traços profundamente originais que ultrapassam o simples tópico da representação do desejo homossexual, pois revelam uma inserção na vivência cotidiana do erotismo e das relações amorosas como um todo. Desse modo, o poeta dá ao leitor “[...] não a visão transcendente que toda a grande poesia procura, mas aquilo que o leitor já conhece” (Figueiredo, 2020, p. 180).

Em outras palavras, além do tema, polêmico por si só, a trivialidade prosaica expressa por Botto causou estranhamento nos leitores de sua época e auxiliou na recepção crítica dissonante que recebeu. Em uma entrevista da década de 1950, num testemunho bem revelador sobre a contumaz estranheza causada pela poesia de Botto nos leitores de sua época, o crítico Tomás Ribeiro Colaço, um dos mais destacados opositores ao estilo e temática do poeta, salientou que nunca sentiu nem compreendeu a sua obra: “Em Portugal, cheguei mesmo a manter polêmica em torno do assunto e sempre sublinhei esse ponto de vista de que sua poesia era incompreensível e estranha” (Última Hora, 1959, p. 3).

Considerações finais

A despeito da qualidade irregular de sua poesia, a crítica literária, mesmo a que se opôs veementemente a António Botto, não pôde retirar o seu lugar de primazia de inaugurar um novo olhar sobre a homossexualidade e na forma como ela foi representada na literatura, revelando seus desejos e complexidades de uma forma até então inabitual. Se textos como os dele circulavam nas tertúlias literárias dos primeiros anos do século XX, foi o poeta que se dispôs a rasgar os véus de uma produção homoerótica que era lida e discutida de forma sigilosa, muita das vezes anônima, e assinou os versos que não obstante acabaram sofrendo as represálias cabíveis para tal ato subversivo. Para tanto, contou com o incentivo de outros críticos e intelectuais que desejavam esta novidade num ambiente cultural tão conservador quanto o português. Porém, com o esfriamento do debate e da polêmica, assim como da entrada de outros atores e temas nas discussões literárias, Botto acabou à própria sorte, buscando continuamente repetir, sem êxito, o destaque que obtivera na juventude.

A análise das obras de sua fase tardia revela um escritor em constante tentativa de reformulação do seu próprio fazer poético, no qual conjuga novas preocupações estéticas, com a emulação de aspectos passados, sem o mesmo engenho anterior. O anacronismo de sua poesia em meados do século era evidente. O homoerotismo, a marca mais destacada de sua escrita, já havia desaparecido quase por completo de seus textos, apesar de aparecer como uma espécie de resistência em poucos poemas esparsos. Possivelmente, todos os ataques de ordem moral fizeram que este lado de sua produção fosse ocultado, ficando restrito a poemas resguardados ao seu arquivo pessoal, nomeado *Caderno Proibido*, onde delineava que a homossexualidade nunca desapareceu por completo de seu horizonte criativo, nem de sua trajetória. Regularmente, tal assunto era retomado pela imprensa, recuperando a controvérsia inicial de sua carreira, obrigando o autor a defender-se continuamente, para demonstrar que a questão homoerótica era tema superado de sua obra, como é notório em entrevista de Botto para a *Revista da Semana* em 1956, onde ele deu uma justificativa cômica e distante de uma intenção mais polêmica ao jornalista José Roberto Teixeira Leite: “Fui vítima de muita maledicência, mas jamais liguei importância a meus detratores. O amor é qualquer coisa de abstrato:

se o ponho no masculino, é que a própria palavra Amor já o é. Se fosse feminino o amor, seria Amora...” (Leite, 1956, p. 19).

Por trás da suposta falta de qualidade do projeto literário do poeta, a temática homossexual foi suprimida por décadas das letras portuguesas, ao menos de forma tão explícita como fez o escritor até aquele momento. Com o decorrer dos anos, principalmente quando a sociedade portuguesa se transformava à medida que enfraquecia a ditadura salazarista, novos escritores emergiram com outras preocupações ligadas ao homoerotismo, mais atreladas aos novos tempos, como fez Al Berto e Joaquim Manuel Magalhães a partir da década de 1970, em dicções poéticas bem distantes das de Botto. Mas, apesar de outras tonalidades, é impossível ignorar o impacto do escritor na criação de leitores para uma literatura homoerótica, que, até aquele momento, estava confinada a um público restrito e marginal.

Desse modo, ainda que Botto continue fora do grupo de escritores dignos de figurarem o cânone da literatura portuguesa e permaneça à sua margem, amargando a posição de “poeta menor” do modernismo português, o seu legado abriu certos caminhos, ainda que não tenham sido devidamente reconhecidos pela crítica nem outras instâncias reguladoras do valor literário de determinadas obras e escritores. Como bem é apontado pela pesquisadora Leyla Perrone-Moysés, ao ponderar acerca da importância do conjunto de escritores menores para a existência de outros considerados maiores, o autor parece caber nesse montante de autores que abrem caminhos para obras de maior relevo e afinidade com as expectativas da crítica especializada e dos leitores de gostos mais refinados:

[...] Convém não esquecer que as grandes obras ocorrem tendo como chão e húmus uma cadeia ininterrupta de obras menores, e que produtores da literatura presente são tão devedores das grandes obras do passado quanto dos milhares de obras menores que prepararam terreno para as maiores. (Perrone-Moysés, 1998, p. 24).

Dessa maneira, este foi o lugar ocupado pela incômoda poesia de António Botto na crítica literária portuguesa. Felizmente, à luz das novas demandas sociais advindas do reconhecimento e validade resultantes das várias transformações culturais e políticas, a obra do poeta conhece outros caminhos de leituras e releituras possíveis, o qual geram um renovado interesse sobre seus textos e mantém-na viva.

Referências

- BLACKMORE, Josiah. António Botto's Bruises of Light. In: BOTTO, António. **Songs**. London: University of Minnesota, 2010. p. IX-XXXVI.
- BOTTO, António. **Poesia**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2018.
- CASCAIS, António Fernando. Pessoa, louvor e execração de António Botto. In: RIBEIRO, Nuno; BASTOS, Margarida Almeida (org.). **António Botto e Fernando Pessoa: poéticas em diálogo**. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2021. p. 27-46.
- CORREIA, Natália. **Antologia de poesia portuguesa erótica e satírica**. Lisboa: Edição Antígona/Frenesi, 2008.
- FEIJÓ, António *et al* (Org.). **O Cânone**. Lisboa: Tinta da China, 2020.
- FIGUEIREDO, José R. Cânone 3. In: FEIJÓ, António *et al* (Org.). **O Cânone**. Lisboa: Tinta da China, 2020. p. 173-196.
- INÁCIO, Emerson da Cruz. **A herança invisível: ecos da "literatura viva" na obra de Al Berto**. Manaus: UEA Edições, 2013.
- KLOBUCKA, Anna. **O mundo gay de António Botto**. Lisboa: Documenta, 2018.
- LEITE, José Roberto Teixeira. António Botto: o amor e a enfermidade. **Revista da Semana**. Rio de Janeiro, p. 18-20, n. 20, 19 mai. 1956.
- LOPES, Óscar. **Entre Fialho e Nemésio: Estudos de Literatura Portuguesa Contemporânea II**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987.
- LUGARINHO, Mário César. Literatura de Sodoma: o cânone literário e a identidade homossexual. **Revista Gragoatá**, Niterói, n. 14, 1. sem. 2003, p. 133-145. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33451>. Acessado em: 30 mar. 2023.
- MAGALHÃES, Joaquim Manuel. **Um pouco da morte**. Lisboa: Editorial Presença, 1989.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- PITTA, Eduardo. **Aula de Poesia**. Lisboa: Quartzel Editores, 2010.

PITTA, Eduardo. Toda ousadia será castigada. In: BOTTO, António. **Poesia**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2018. p. 3-18.

SENA, Jorge de. **Estudos de Literatura Portuguesa – III**. Lisboa: Edições 70, 1988.

SENA, Jorge de. Tentativa de um panorama coordenado da literatura portuguesa de 1901 a 1950. In: FRANÇA, José-Augusto. **Tetracórnio**: Antologia de inéditos de autores portugueses contemporâneos. Lisboa: Livraria Portugal, 1955. p. 3-26.

SILVESTRE, Osvaldo Manuel; SERRA, Pedro. **Século de Ouro**: Antologia Crítica da Poesia Portuguesa do Século XX. Lisboa: Angelus Novos & Cotovia, 2002.

SIMÕES, João Gaspar. António Botto. **Diário de Pernambuco**. Recife, 11 mai. 1941. Segunda Secção, p. 1.

ÚLTIMA HORA. António Botto (entre a vida e a morte) visto por intelectuais: Teve existência dramática. **Última Hora**. Rio de Janeiro, p. 3, 9 mar. 1959.

Recebido em 25/05/2023.

Aprovado em 20/11/2023.